

Do *Unheimliche* em Freud ao *Unheimliche primitivo* em Bleichmar: algumas considerações sobre o itinerário de um conceito

Clarissa Salle de Carvalho¹

RESUMO

O artigo investiga o itinerário conceitual do *Unheimliche* freudiano até sua reelaboração por Silvia Bleichmar sob a forma de um “*Unheimliche primitivo*”. Parte-se da constatação de que a pluralidade de traduções do termo alemão — do inglês *the uncanny* ao francês *l'inquiétante étrangeté*, passando pelas soluções espanholas (*lo siniestro*, *lo ominoso*) e portuguesas (*o estranho*, *o inquietante*, *o infamiliar*) — evidencia a densidade conceitual e a persistência hermenêutica do texto de 1919. A partir disso reconstrói-se a formulação freudiana do conceito, articulando-o à dialética entre *heimlich* e *unheimlich*, ao fenômeno do duplo (*Doppelgänger*) na leitura do conto de E. T. A. Hoffmann e à operação metapsicológica do recalque (*Verdrängung*), segundo a qual o efeito de estranhamento resulta do retorno de algo outrora familiar e recalcado. Em seguida, o artigo analisa o uso pontual, porém teoricamente denso, que Bleichmar faz do termo em seus seminários de 2005 nos quais o conceito é deslocado do campo

¹ Psicanalista e Membro Associado à Constructo Instituição Psicanalítica. Membro da Comissão Editorial da Constructo – Revista de Psicanálise. Graduada em Ciências Humanas, com ênfase em Psicologia, pela Quincy College (EUA).

das experiências relacionadas ao retorno do recaiado para os tempos constitutivos da subjetividade, associando-se ao asco e ao pudor como precursores do recalamento e como primeiros diques morais. Conclui-se que a noção de *Unheimliche* primitivo, embora preserve a mecânica freudiana de inversão do prazeroso em estranho, desloca seu eixo relacional do outro para a relação do sujeito consigo mesmo, cumprindo função auxiliar na constituição da subjetividade e da moralidade incipiente.

PALAVRAS-CHAVE: Unheimliche; Sigmund Freud; Silvia Bleichmar; recalque; constituição da subjetividade.

Introdução

Dentre os inúmeros textos de Freud que permanecem sendo objeto de releituras e interpretações, um deles se destaca já pela dificuldade em compreender e traduzir sua ideia central. *Das Unheimliche*, de 1919, conhece diversas opções de tradução nas diferentes línguas para as quais foi vertido. A edição inglesa padrão traduzida por James Strachey (Freud, 2001) optou por *The Uncanny* que pode ser entendido como misterioso, estranho ou até mesmo o assustador, o inesperado. Já a tradução clássica francesa, de Marie Bonaparte (Freud, 1990), traduz por uma locução composta por duas palavras *L'inquiétante étrangeté*, ou seja, a “inquietante estranheza” ou o “estranhamento inquietante”. Marie Bonaparte buscou capturar o sentido da expressão em alemão utilizando uma locução que melhor assimilaria o impacto psíquico dessa sensação concomitante de familiaridade, estranhamento e terror.

As edições espanholas, por sua vez, se dividem entre *Lo Siniestro*, da clássica Editorial Biblioteca Nueva, traduzido por Luis López Ballesteros y de Torres (Freud, 1993), e *Lo Ominoso*, traduzida pelo argentino

José Luis Etcheverry (Freud, 2007) que inaugurou o uso do termo e foi publicado pela Amorrortu Editores. “*Ominoso*” pode ser entendido como abominável, depreciável ou até mesmo repulsivo. Etcheverry rejeitou o termo “*Lo Siniestro*” por este não abarcar a dimensão enigmática e difusa que o termo original em alemão carrega; o “*ominoso*”, por sua vez, seria aquela estranheza que nos ameaça desde dentro e que não se explica facilmente (cf. Freud, 2007, “Introdução”).

Nas traduções para o português encontramos primeiramente a tradução clássica da Imago Editora como *O Estranho*, na Edição Standard Brasileira (Freud, 1996), que foi a tradução de referência no Brasil durante décadas e foi traduzido da versão inglesa de James Strachey. Em 2010, a Companhia das Letras publicou uma nova tradução intitulada *O Inquietante*, traduzida agora diretamente do alemão e sob responsabilidade de Paulo César de Souza (Freud, 2010). Já em 2019 a Editora Autêntica realizou uma edição comemorativa bilingue intitulada *O infamiliar [Das Unheimliche]: Edição comemorativa bilíngue (1919-2019)*, com tradução de Romero Freitas e organizado por Gilson Iannini (Freud, 2019). E esta será a edição referência utilizada neste artigo para trabalhar o texto freudiano justamente por se tratar de uma edição crítica que explicita que o termo “*Infamiliar*” foi deliberadamente escolhido para reproduzir a estrutura morfológica do alemão, como veremos adiante.

O que apontamos acima obviamente não pretende ser uma investigação sobre as opções e justificativas de tradução, mas serve de forte indicativo de que a complexidade e riqueza do termo freudiano, que se espalham pelo conceito e pela obra nomeados por ele, são fontes inesgotáveis de debate e investigação. Assim, neste artigo procuraremos apresentar um desses casos nos quais, para além de uma simples interpretação, Silvia Bleichmar retoma o conceito e parece sugerir utilizá-lo agora também em uma perspectiva metapsicológica.

Dessa forma, neste artigo partiremos de uma reconstrução do conceito de *Unheimliche* tal qual desenvolvido por Freud e, posteriormente, analisaremos a interpretação de Silvia Bleichmar, em especial no conjunto de seminários publicados sob o título *Verguenza, culpa y pudor: relaciones entre la psicopatologia, la ética y la sexualidad* de 2016. Nos debruçaremos particularmente na ideia que Bleichmar apresenta sob o conceito de um *Unheimliche* Primitivo, tal como aparece na aula de 4 de abril de 2005, intitulada “Lo real es significativo para el sujeto”. Por fim, avaliaremos em que medida a ideia de *Unheimliche* primitivo se relaciona com as teses originais de Freud e em que medida o aporte de Bleichmar faz trabalhar o conceito de Freud.

1. O *Unheimliche* no *Das Unheimliche* de Freud

Freud examina o conceito em um texto homônimo de 1919, intitulado *Das Unheimliche*. A dificuldade sobre o sentido e a tradução do termo sentida pelos especialistas, como apontamos acima, é enfrentada no texto pelo próprio Freud que, já nos seus inícios, dedica-se por diversas páginas à versão do vocábulo do alemão para diferentes línguas, bem como à sua etimologia. Isso porque o termo alemão traz em si certa dialética: *Unheimlich* é precisamente o oposto de *Heimlich* (familiar), doméstico, íntimo. O prefixo “Un” é a partícula de negação. Já “*Heimlich*”, parte do radical “*Heim*”, que significa “lar”. Contudo, o termo continua contendo a palavra que pretende negar. Infamiliar é, portanto, um tipo de familiar que sofrerá uma mutação: “Em suma, familiar [*Heimlich*] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*]. Infamiliar é, de certa forma, um tipo de familiar” (Freud, 2019, p. 47-49). Da mesma forma, filósofo alemão Schelling também desvela, segundo o vienense, algo do núcleo do conceito: o infamiliar seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona (Freud, 2019, p. 45).

Mas é no fenômeno do duplo que a sensação de estranheza típica do infamiliar se deixa ver, segundo Freud, de maneira ainda mais explícita. A partir da referência já clássica ao conto “O homem da areia”, de E. T. A. Hoffman – “o inigualável mestre do infamiliar na literatura” (Freud, 2019, p. 67) –, Freud elabora uma tipologia do duplo (*Doppelgänger*). Seja a partir dos temores provenientes do olhar de Coppélius e da humanidade artificial e difusa da boneca Olímpia, Natanael embarca em uma espiral que culmina na perda total de sua sanidade. O que chama a atenção é como Freud extrai do conto justamente o jogo do duplo nas interações de Natanael. Por um lado, Coppélius é o duplo do famigerado homem da areia, que era usado em sua infância para assustá-lo para a obediência e, por outro, a projeção obsessiva em Olímpia como sua alma gêmea que nunca o questiona. É porque Coppélius hipostasia tanto os aspectos bons quanto maus de seu pai para que Freud vê aí, mediado por toda a dinâmica da perda dos olhos como símile da castração, a relação antitética típica do Infamiliar. O efeito de inquietação infamiliar não decorre, portanto, do confronto com o radicalmente desconhecido ou absolutamente estranho-estrangeiro (*fremd*), mas sim do reaparecimento de algo que um dia foi intimamente conhecido e experimentado, mas que acabou sendo afastado e rechaçado pela dinâmica psíquica. Do ponto de vista metapsicológico, o fenômeno articula-se diretamente com a operação do recalque (*Verdrängung*). O prefixo de negação *Un-* surge como a marca ou “certificado de origem” da própria negação psíquica, revelando que o estranho não é algo novo ou alheio ao sujeito, mas sim uma representação íntima que foi rechaçada da consciência e que agora retorna. Freud formaliza essa relação causal entre afeto, recalque e o retorno do recalcado ao afirmar:

[...] se a teoria psicanalítica tem razão ao afirmar que todo afeto de uma moção de sentimento, de qualquer espécie, transforma-se em angústia por meio do recalque, entre os casos que provocam angústia deve haver então um grupo no qual se mostra que

esse angustiante é algo recalcado que retorna. Essa espécie de angustiante seria então o infamiliar (Freud, 2019, p. 85).

É precisamente essa mecânica conceitual — segundo a qual algo originariamente familiar, íntimo ou fonte de prazer se altera psiquicamente e passa a operar como o seu oposto, produzindo estranhamento, repulsa ou angústia — que prepara o terreno para desdobramentos teóricos posteriores. Ao demonstrar que a apreensão do estranho não provém de um mero traumatismo exterior, mas da transformação qualitativa de uma vivência que se torna estranha ao próprio sujeito, o texto freudiano estabelece as bases conceituais sobre as quais Silvia Bleichmar, irá propor aquilo que podemos tranquilamente chamar de revisões metapsicológicas. Conforme se verá a seguir, a operação freudiana do *Unheimliche* será transposta do campo das experiências pós-recalque para os tempos constituintes da subjetividade, delineando a emergência dos primeiros diques morais por meio da proposta de um tipo de *Unheimliche primitivo*.

2. Bleichmar e o *Unheimliche primitivo*

O conceito de *Unheimliche primitivo* aparece brevemente em um dos seminários de Silvia Bleichmar do ano de 2005. Esses seminários foram posteriormente compilados e transformados em um livro intitulado *Vergüenza, culpa, pudor: Relaciones entre la psicopatología, la ética y la sexualidade*, publicado em 2016 pela editora argentina Editorial Paidós (Bleichmar, 2016). A noção de *Unheimliche*, bem como suas noções correlatas, tais como estranho, infamiliar, sinistro etc., encontram algumas ocorrências ao longo dos seminários reunidos nesta obra. Porém, o uso que nos parece teoricamente mais interessante é justamente uma ocorrência na qual Bleichmar faz uso do vocábulo em alemão para, ao que parece, dotá-lo de um significado e uma função metapsicológica para além do uso do conceito tal como mobilizado por Freud.

Em se tratando do termo em alemão, há apenas três ocorrências durante todas as lições coletadas ali. No entanto, o aspecto quantitativo das menções ao termo não deve nos enganar quanto à sua potência qualitativa.

A menção feita na aula de 26 de setembro de 2005, intitulada “*Realidad exterior y realidad interior*”, parece dar-se em sentido muito próximo àquele definido por Freud e explicitado na seção anterior. Silvia menciona o estranhamento do que deveria ser familiar no famigerado caso da escola de Carmen de Patagones, alvo de diversas de suas análises e observações. Como se sabe, um dos alunos de uma escola na localidade daquele nome atirou contra seus colegas deixando diversos mortos e feridos. Desse modo, a escola, antes lugar de segurança, proteção e amizade e, portanto, familiar, torna-se agora estranho e repugnante. Nas palavras de Bleichmar:

Eso es lo que pasó con la escuela a partir del episodio de Carmen de Patagones. Lo brutal del episodio de Carmen de Patagones para algunos chicos es que estos espacios devienen un *Unheimliche*. Entonces ya no son los espacios de protección. Exactamente ahí está la idea de lo siniestro, ahora para que haya siniestro no alcanza con que haya traumatismo. Por eso Freud plantearía que para que se dé lo siniestro, que es de un orden cualitativamente distinto a lo traumático, es necesario que lo familiar devenga extraño (Bleichmar, 2016, p. 408).

É importante notar que, tal como em Freud, o típico do movimento descrito pelo conceito de *Unheimliche* é proveniente de uma experiência modificadora de um sentido e um juízo prévio. Isso nos é importante justamente porque, nas outras duas ocorrências do termo, agora no seminário de abril do mesmo ano, Silvia parece querer indicar que a mesma dinâmica da passagem de algo familiar e prazeroso para ser considerado estranho e desprazeroso ocorre, também, nos processos iniciais de constituição do sujeito e como primícias da moralidade.

Aqui podemos então introduzir três importantes questionamentos sobre o uso do conceito de “*Unheimliche primitivo*”. Primeiramente, o que Bleichmar entende por “*Unheimliche primitivo*”? Além disso, qual a função que esse conceito desempenha no que se analisa naquele seminário? E, finalmente, quais as diferenças em relação ao conceito tradicional?

Para enfrentarmos essas questões é preciso apresentar, ainda que brevemente, o objeto daquele seminário e, mais especificamente, a argumentação do capítulo dois intitulado “*Lo real es significativo para el sujeto*”. Neste capítulo, a autora traz teses metapsicológicas sobre os primórdios do psiquismo, a constituição psíquica do sujeito e do objeto, além de abordar o surgimento dos primeiros diques morais. Bleichmar sustenta que ocorre uma constituição concomitante de sujeito e objeto, na medida em que na origem o que existe é um conjunto de múltiplos sistemas de representações que vão se articulando e, a partir disso, abrindo a possibilidade de relacionar-se com os objetos libidinais. Portanto, nos princípios, não há um sujeito preexistente e unificado (*ibid.*, p. 37). O que existe nos inícios são apenas elementos indiciários e que não compõem a alteridade como o outro, já que ainda não há o *outro*; e sim o *outro* daquilo que reencontro através de traços que se articulam e produzem uma representação matriz. Nas palavras da autora: “essa representação matriz é, de algum modo, matriz do objeto e matriz simbólica, na medida em que há produzido algo que não existia previamente” (*ibid.*, p. 37, tradução nossa). Assim, o que há no psiquismo das origens são movimentos de apropriação do objeto, já que este sempre será insatisfatório em um sentido pulsional; a pulsão é indiferente ao objeto, a pulsão não ama nem odeia, apenas tende à satisfação e é atraída por seus traços indiciários (*ibid.*, p. 43). Por esse motivo Bleichmar afirma que a fim de tratarmos da alteridade é preciso, em primeiro lugar, enfrentar o processo de construção do sujeito (*ibid.*, p. 42). É nesse ponto que se inicia a seção que nos é central, na qual a autora apresenta o conceito que aqui nos serve de objeto.

Bleichmar afirma que a marca da renúncia da pulsão tem que estar estabelecida pelo reconhecimento da existência de um outro; outro esse que passa a ser um objeto diferente de si (Bleichmar, 2016, p. 44). Nesse sentido, fortalece que a razão primordial para se renunciar aos prazeres diretos, da ordem do autoerotismo e diretamente ligados ao princípio do prazer, é dada pela presença de um outro, que agora já não se trata apenas de um aglomerado de representações indiciárias. A autora chega agora no núcleo da sua exposição, no qual o conceito de *Unheimliche primitivo* faz a sua aparição. Por isso, vale citar diretamente o trecho completo:

Por eso asco y pudor. El asco sería relativo en relación al otro porque el asco lo que marcaría es un adentro y afuera, más que nada. Y marcaría el extrañamiento del sujeto respecto a aquello que se le presenta como extraño. Es como una suerte de *Unheimliche primitivo*. En lugar de producir extrañamiento, de producirse la inquietante extrañeza porque el otro devino extraño, las heces devienen asquerosas, digamos (Bleichmar, 2016, p. 44).

Aqui temos subsídio suficiente para trabalharmos a questão proposta por Bleichmar ao elaborar esse conceito, já que aquilo que anteriormente era prazeroso o deixa de ser na medida em que se torna estranho ou, então, infamiliar. A ideia de que exista um antecessor daquilo que nos tempos constituintes do psiquismo foi prazeroso, mas que se torna desprazeroso e, portanto, estranho ao sujeito. Nesse sentido, o asco e o pudor, como nos diz Bleichmar, são antecessores do recalçamento (*ibid.*, p. 44). A autora traz o asco ou a repulsa como um fenômeno de caráter corporal, pois opera como um mecanismo precoce de rejeição e expulsão daquilo que se apresenta como estranho ou intolerável ao corpo como, por exemplo, as fezes. Ou seja, os movimentos prazerosos relacionados ao exercício da pulsão anal passam a produzir asco e rechaço àquilo que é um produto do próprio corpo e deixam de ser prazerosas, como antes o eram. O asco implica em algo

que é da ordem do corporal ou somático que o sujeito rechaça através do nojo. No que diz respeito ao pudor, Bleichmar afirma que este desempenha o papel de um primeiro traço da moralidade em termos simbólicos, uma vez que se refere ao reconhecimento de que algo tem de ser escondido perante outro; é o surgimento de um incômodo ao exhibir algo diante de um outro. Como assevera a autora, trata-se já aí de uma espécie de movimento intersubjetivo, na medida em que há este outro frente ao qual não me sinto mais totalmente à vontade de estar, por exemplo, desnudo. O pudor denota que já existe um eu que se apropriou da representação do seu próprio corpo e, assim, constituiu uma totalidade narcísica que busca se ocultar e se subtrair ao olhar alheio (*ibid.*, p. 45).

Estamos agora em condições de responder àquelas três perguntas centrais sobre a espécie de reelaboração do conceito de *Unheimliche*, agora como um *Unheimliche primitivo*. Embora mantenha o mesmo tipo de mecânica do conceito freudiano, isto é, o fato de que algo que a princípio é conhecido, familiar ou até mesmo desejado se torna repulsivo e estranho, tal dinâmica é subtraída das experiências posteriores do sujeito em relação e, mais importante, em direção a um outro, e é usado para explicitar algo da relação para consigo mesmo; neste caso, um produto corporal (as fezes) ou o próprio corpo (como objeto de autoerotismo)². Desse modo, vê-se agora tanto o sentido de sua *primitividade*, dado que ela desempenha uma função auxiliar essencial na construção da subjetividade, bem como a distinção para com o uso tradicional freudiano. É também esse tipo de *Unheimliche primitivo* que ajuda a explicitar o processo pelo qual o pudor é, como apontado acima, um primeiro traço da moralidade. O que era prazeroso ou desejável *em si mesmo* se torna agora reprovável agindo como um *índice* de alteridade, isto é, um *signo* do outro via estranhamento de si.

2 Vide, também, Garcia (2024).

3. Algumas observações conclusivas

Como apontamos já na introdução deste trabalho, o termo *Unheimliche* é carregado de grande complexidade teórica que, ao mesmo tempo, demanda e suscita múltiplas interpretações. É justamente essa característica que o torna tão dificilmente traduzível, como foi possível evidenciar na pluralidade de traduções para outras línguas, incluindo o português. Tal pluralidade e abertura de traduções e interpretações é o que leva Anneleen Masschelein nomeá-lo justamente como um conceito *não conceito* (Masschelein, 2011), pela dificuldade de limitá-lo a apenas uma forma de interpretação pelas diversas dimensões nas quais ele foi aplicado; tanto para explicar um fenômeno psíquico ou aspectos de obras literárias. É, portanto, como é comum no caso da produção intelectual de Freud, um conceito que extravasa o campo da psicanálise para enraizar-se no domínio da cultura como um todo.

O percorrido proposto neste artigo iniciou-se com uma breve reconstrução do conceito no texto freudiano. Em Freud, o mecanismo do *Unheimliche* se mostra como um efeito de estranhamento que surge de uma dinâmica bem delimitada: algo que fora íntimo e familiar sofre, pela ação do recalque, uma inversão qualitativa que o torna fonte de angústia quando retorna à consciência. Trata-se, portanto, de um fenômeno que implica o retorno do recalado. Aquilo que já foi rechaçado da consciência (por ter-se tornado desprazeroso ao eu) agora retorna como uma espécie de estranho que pode causar terror e angústia ao sujeito. Aqui estamos diante de um psiquismo clivado, com instâncias psíquicas delimitadas pelo fenômeno do recalamento. E isto em si já nos coloca diante de um sujeito no qual o psiquismo já foi constituído e opera em relação ao recalamento. O estranho, o infamiliar retorna precisamente de um lugar em que ele foi conhecido e prazeroso outrora.

Diferentemente de Freud, Bleichmar, nosso objeto principal aqui, aporta-nos uma novidade quando recoloca o conceito de *Unheimliche* agora em chave

de um mecanismo “primitivo”. Aqui estamos diante dos tempos primevos da constituição psíquica, em tempos de constituição do sujeito psíquico. E, precisamente por isso, a ideia de Bleichmar torna-se tão surpreendentemente nova, ainda que resgatando um conceito já tão pervasivo. A autora posiciona a mecânica do *Unheimliche* em tempos anteriores em que ainda não há um sujeito psíquico, mas apenas os indícios de uma subjetividade que está em processo de constituição. Ao introduzir a expressão “*Unheimliche* primitivo” no contexto da discussão sobre asco e pudor, ela não está descrevendo o retorno de um conteúdo recalçado, mas antecipando a própria lógica do infamiliar para um momento anterior à constituição do recalçamento propriamente dito — um momento em que sujeito e objeto ainda estão em vias de se diferenciar.

Nesse sentido, o termo primitivo denuncia uma sorte de anterioridade estrutural: trata-se de um *Unheimliche* que opera nos próprios tempos constituintes da subjetividade. E precisamente por isso cumpre uma função distinta daquela descrita por Freud — não o retorno do recalque, mas a de inaugurar as mesmas condições para que algo como recalque e moralidade venham a existir. Assim, ainda que se trate de um uso pontual e circunscrito do conceito, Bleichmar, como de costume, revitaliza de maneira profunda e instigante o conceito, dotando-o de um poder explicativo, agora em outro momento-chave de suas reflexões metapsicológicas.

Bibliografia

Bleichmar, S. *Vergüenza, culpa, pudor - Relaciones entre la psicopatología, la ética y la sexualidad*. Paidós, 2016.

Freud, S. *L'inquiétante étrangeté*. Traduzido por Marie Bonaparte. Contribuição de François Stirn. Paris: Hatier, 1990.

Freud, S. “Lo Sinistro”. In: Freud, S. *Obras Completas*. Tradução de Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Biblioteca Nueva, 1993.

Freud, S. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Traduzido por José Luis Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. *The Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume 17: An Infantile Neurosis and Other Works*. Traduzido por James Strachey. Londres: Vintage Classics, 2001.

Freud, Sigmund. *Obras completas*: De la historia de una neurosis infantil (El “Hombre de los Lobos”) y otras obras (1917-1919). Traduzido por José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2007.

Freud, S. *Obras completas, vol. 14: “O homem dos lobos” e outros textos*. Traduzido por Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2010.

Freud, S. *Freud - O infamiliar [Das Unheimliche]*: Edição comemorativa bilingue (1919-2019). Traduzido por Ernani Chaves, Rogério Freitas e Pedro Heliodoro. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Garcia, R. M. Entre potência pulsional e defesas precoces: um vir a ser. *Constructo - Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, n. 10, p. 1-14, 2024.

Masschelein, A. *The Unconcept: The Freudian Uncanny in Late-Twentieth-Century Theory*. SUNY Series. Nova Iorque: SUNY Press, 2011.

Clarissa Salle de Carvalho

Rua Tobias da Silva, 137/303

Porto Alegre – RS

clarissasallecarvalho@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise